As cores de Manaus - Elogio de um poema essencial
(Carmen Novoa Silva)

Dizem os poetas que o terceiro minuto da aurora é a mais bela coisa que o homem pode ver. Para mim a mais bela imagem que minha memória aprisionou não foi uma paisagem, um monumento histórico, determinado país ou cultura, um filme, um quadro, nem a caneta-tinteiro Parker 51 folheada a ouro de meu pai deixava usar quando pequena: A mais bela coisa que minha memória aprisionou até hoje, foi o multicolorido do casario de Manaus-Sorriso, incluindo minha casa e outras tantas com a pintura de listras horizontais nas cores brancas e vermelho-escuro. Sim, havia o costume das casas listradas e ainda resta uma na Avenida Sete de Setembro esquina com a Rua Jonathas Pedrosa que pertenceu à família Arnaud. Os novos proprietários tiveram a sensibilidade extrema na permanência das cores originais dos anos 50. Nessa época, Manaus sorria. Apesar do isolamento geográfico as pessoas mantinham-se unas e indivisíveis na hospitalidade cercadas pelo aroma penetrante das angélicas vindas do Careiro. Manaus-das-angélicas a enfeitar tanto banquetes, festas, igrejas quanto lápides e mausoléus. Feitas tanto para mãos enluvadas como para as mãos descalças e calosas. Do caule longilíneo saíam campânulas minúsculas e brancas formando uma palma odorífera. As angélicas, assim como nós, eram unas e indivisíveis. Brotavam de um só caule. Tinham a mesma seiva fraterna. Assim como nós. Não possuíam a fidalguia das rosas que aqui aportaram nos anos 70 e nos inebriam até hoje. No entanto, não tinham espinhos. Tal. Como nós. Sem esse sentimento individualista do hoje afastando e rejeitando toda a mão que se acerca. Nos dias atuais, o mais belo que vi até agora, (apesar dos problemas inerentes ao nascimento de uma megalópole prematura) não foram os viadutos, as luzes, os edifícios, a Ponta Negra, os "shoppings" colossais, nem o telefone última geração que aposentou o 2564 do velho telefone negro de disco prateado fixado na parede de minha casa listrada. A coisa mais emocionante que vi no agora foi a nova pintura do Palácio Rio Negro (uma vez palácio, sempre palácio). Este, junto com o igarapé, sempre foram minha paisagem. Posso até assegurar, sem exageros, que ao abrir os olhos à razão a primeira coisa que vi foi o palácio com a cor amarela (idêntica à de hoje) e a guarita, postes de arco voltaico, portões e gradis de ferro na cor verde-musgo. Essas cores assim como as casas listradas, ficaram tão presas em minhas retinas que nem o cinza de anos a fio conseguiu enfraquecer.

Em meio aos achaques próprios de megalópoles surge esse momento de satisfação profunda. Como um sol de justiça. "Manaus tinha identidade!" Isso foi dito por minha amiga Marilinda, espanhola e mestra em letras, com cátedra na Universidade de Galícia, quando esteve em nossa cidade no início dos anos 90. Falou com um misto de pena e nostalgia ao recordar a terra que vira e à qual se afeiçoara nos anos 60, quando aqui esteve por vez primeira. "Suas casas eram alegres e coloridas. Possuía personalidade marcante". Complementando suas palavras, afirmo que o multicolorido do casario manauense rivalizava com a policromia de suas auroras e crepúsculos, com a de sua fauna e flora exuberante. As cores das casas de Manaus eram sua principal característica, fazendo-a definitivamente reconhecível. Como uma impressão digital. Única. Era parte de nosso

corpo e espírito. E continha nessa forma peculiar de se expressar a promessa de comunhão com o futuro. Com a instalação da Zona Franca em 1967, mesmo sendo modelo econômico vitorioso, deixou saldo negativo na arquitetura citadina, principalmente no centro histórico onde o comércio efervescente e o turismo frenético ofuscaram ata as mentes mais lúcidas. Permitiu-se a destruição de prédios históricos. Proliferaram incêndios supostamente criminosos. Cobriram as fachadas do casario com placas de mau gosto. Alteraram com reformas "modernas" a estética singular. Azar, dirão alguns! Mas um poeta dizia que azar é o pseudônimo usado por Satanás quando não quer assinar a obra. Nós mesmos, da terra, hipnotizados pelo prazer consumista relegamos ao esquecimento nossa memória honrosa. Não bastassem as ordens ditatoriais da época obrigar a cor cinza para a pintura de órgãos governamentais; não percebemos que Manaus ficava mais cinza com a desfiguração de seu centro histórico; Não percebemos que gerações inteiras foram assim robotizadas. Blindadas a qualquer estímulo do sentimento, não permitindo outra cor a não ser da Manaus-tão-cinza. Hoje, em busca da identidade perdida, retorna essa explosão policromáica nos casarões antigos, pertençam eles a particulares ou à administração pública. E dentre eles surge o Palácio Rio Negro como um poema imenso. Cercando os versos dos meus dias. Sim, é um monumento entre outros tantos da Manaus feito poesia. Mas para o poetismo não se estabelece hierarquia. Por isso, particularmente, o Palácio é um poema essencial. Imenso. Sua poesia inteira está contida num só verso: A cor amarela. Sonho querido, raptado dos anos 50. A cor é o detalhe afetivo, sua linguagem poética, o ritmo das entranhas. A especialíssima cor é o eco de vozes memoriais. É sinal revelado aos de hoje. É fantasia feita realidade em que se projeta a esperança salvífica dos tempos que supúnhamos perdidos. É a linha divisória entre o humano e o divino. A cor amarela do Palácio Rio Negro reluz como rima rica de todos meus agostos. Reluz... Sob um sol de justiça. Manaus sorri.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura